

À PROCURA DE PEQUENAS CHAMAS: IDENTIDADE E CRIAÇÃO COMPARTILHADA

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte / Universidade Estadual Paulista

RESUMO

Este artigo pretende uma reflexão sobre o espaço do fazer artístico na universidade, seus focos de interesse e atuação. Busca uma produção que emerge de pesquisas, paralelas, à margem do que acontece no espaço físico da instituição. Diz respeito ao interesse por indivíduos, por identidade, pela vida, dentro de um contexto onde o fluxo criativo pulsa em criações do artista que também é pesquisador, do artista presente no profissional em formação, do artista que faz parte da história na região. Forças ao se aproximarem. Apresento resultados dessas reflexões, inseridas no grAVA - Grupo de Pesquisa em Artes Visuais e Audiovisuais - e em pesquisas em desenvolvimento, citando Gaston Bachelard, Cecília Almeida Salles e Edith Derdyk como aporte teórico, enfatizando-se os espaços da intimidade na crítica de processo.

PALAVRAS-CHAVE

processo criativo; arte contemporânea; crítica de processo; grAVA

ABSTRACT

This paper intend a reflection about the space of the practice in the university, its focus of interest and activity. Search a production that emerges from research, parallel to the edge of what happens in the physical space of the institution. Concerns the interest in people, in identity, in the life, in a context where the creative flow pulse in artist creations who is also researcher, the artist present in the professional who is learning, the artist who is part of the history of the region. Forces approaching. I present some results of these reflections, inserted into the grAVA - Research Group in Visual and Audiovisual Arts - and the recheaches under development, citing Gaston Bachelard , Cecília Almeida Salles e Edith Derdyk, as theoretical support, emphasizing up the intimacy of the spaces in the process critical.

KEYWORDS

criative process; contemporary art; process critical; grAVA

Introdução

[...] Entre todas as imagens, as imagens da chama – das mais ingênuas às mais apuradas, das sensatas às mais loucas – contêm um símbolo de poesia. Todo sonhador inflamado é um poeta em potencial.

Gaston Bachelard (1981, p.11)

Para iniciar o presente texto, reporto-me à apresentação de Cecília Almeida Salles a “Linha de Horizonte: uma poética do ato criador”, de Edith Derdyk (2001, p.3), ao mencionar “A chama de uma vela” de Bachelard (1981) para traduzir a atração que o processo criativo exerce sobre os envolvidos com as Artes em geral. Identifico-me exatamente com o aspecto que aproxima a teórica, a artista e o filósofo: o interesse pela intimidade do fazer artístico. Meu ponto de partida é a universidade. Meu enfoque, o criador presente nesse contexto, o criador existente no local onde a universidade está inserida e a necessidade em conhecê-lo. A abordagem está na produção no entorno do universo acadêmico e em seu interior, onde se encontram professores, alunos e artistas.

A primeira chama que identifico é a minha, como artista e pesquisadora. Ao ingressar na carreira docente, a estrutura rígida das instituições de ensino superior parece apagar as possibilidades criativas, priorizando recompensas de promoção e de atuação na gestão universitária que têm como alicerces um perfil quantitativo de produção que esgota a fruição. A segunda chama é a do próprio aluno, que muitas vezes se perde dentro da instituição, buscando algo intuitivo, autêntico, que parece se distanciar como uma bagagem que acredita deixar de lado, “esvaziando-se” para que a universidade “o preencha”. A terceira chama é a do artista local, inserido em uma história que nem sempre o valoriza pelo fato de ter permanecido em uma cidade distante dos grandes centros. Nas três chamas, a poesia está presente.

Essa é a essência do que vem acontecendo em minhas pesquisas, parte do que tenho produzido com um grupo de aproximadamente cem pessoas envolvidas direta ou indiretamente entre 2008 e 2015. Alunos, professores, artistas, amigos. Criadores em potencial, chamas que compartilham de uma mesma essência: a potência sensibilizadora da arte. A ela dedico cada atividade que desenvolvo na universidade,

desde meu ingresso em 2008 no Curso de Artes Visuais da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, no campus da UNESP da cidade de Bauru. Dentre elas, menciono a seguir as atividades relacionadas à extensão e à pesquisa, estreitamente relacionadas à criação plástica.

Criação do Centro de Pesquisa Plástica e grAVA

Ao ingressar na universidade, idealizei como meu projeto de extensão universitária o que denominei Centro de Pesquisa Plástica, inicialmente acrescentado ao título a palavra implantação. Nele, propus um espaço no qual os alunos tivessem maior abertura para desenvolver suas pesquisas práticas, timidamente sinalizando que criaria junto a eles, além de orientá-los conforme linha de pesquisa necessária para a iniciação científica. Ainda não tinha clareza de como chegaria à comunidade permitindo que tivesse acesso aos conhecimentos disseminados na academia, mais especificamente voltados para o desenvolvimento artístico, criativo, perceptivo e técnico em Desenho e Plástica, disciplinas para as quais prestei o concurso público.

O projeto foi apresentado justificando a necessidade de aproximação da realidade da comunidade acadêmica da comunidade local, pensando-se nos anseios meus e dos alunos, em produzirem de maneira mais ativa, somados às necessidades da cidade de ter uma vida cultural mais atuante. Enfim, de um projeto que tomasse maior consciência da importância de um Curso de Artes Visuais engajado ao município, conforme menciono no texto original do projeto:

[...] A formação dos alunos em Artes está vinculada às carências do público que atenderá e o olhar desses alunos devem ser preparados para exercer sua função junto à sociedade, seja como artista ou educador. [...] Esse projeto apresenta uma proposta para que os dois universos sejam aproximados, aperfeiçoando os métodos apreendidos na universidade, ampliando a pesquisa de campo, aproximando docente e discente, servindo de núcleo investigativo e de interesse para os alunos e concedendo maiores oportunidades para a formação educativa, artística e cultural da comunidade, à medida que todas essas possibilidades se interagem e se enriquecem mutuamente. (BAMONTE, 2008, p.2)

Mediante aprovação para sua execução, o projeto foi iniciado com suas atividades ocorrendo em torno de um grupo de estudos que denominei grAVA – Grupo de Es-

tudos em Artes Visuais e Audiovisuais. Optou-se por um caráter multimídia, que permitisse a cada um dos participantes a livre escolha de linguagens, sob a linha de pesquisa que logo se delineou voltada para o desenvolvimento do processo criativo. Devido ao fácil acesso ao equipamento e praticidade, a fotografia foi bastante utilizada desde o início pelos membros. No primeiro ano, 25 alunos estiveram presentes nas reuniões. Nesses encontros foram propostas discussões a partir de textos de Fayga Ostrower, Julio Plaza e Edith Derdyk que enfatizavam o fazer artístico e identificação com o próprio processo criativo. Mobilizaram reflexões sobre a produção artística que passaram por intersecções entre técnica e expressão, arte erudita e popular, acadêmica e contemporânea, conceitos e leituras enriquecedores que possibilitaram um amadurecimento do grupo e instigaram os alunos a desenvolverem trabalhos e pesquisas mais ousados e atuais, tanto práticos quanto teóricos, dentre vários que já foram publicados em revistas, livros e congressos, tanto nacionais quanto internacionais. Para maior compreensão da proposta do grupo, cita-se o texto presente no site do projeto:

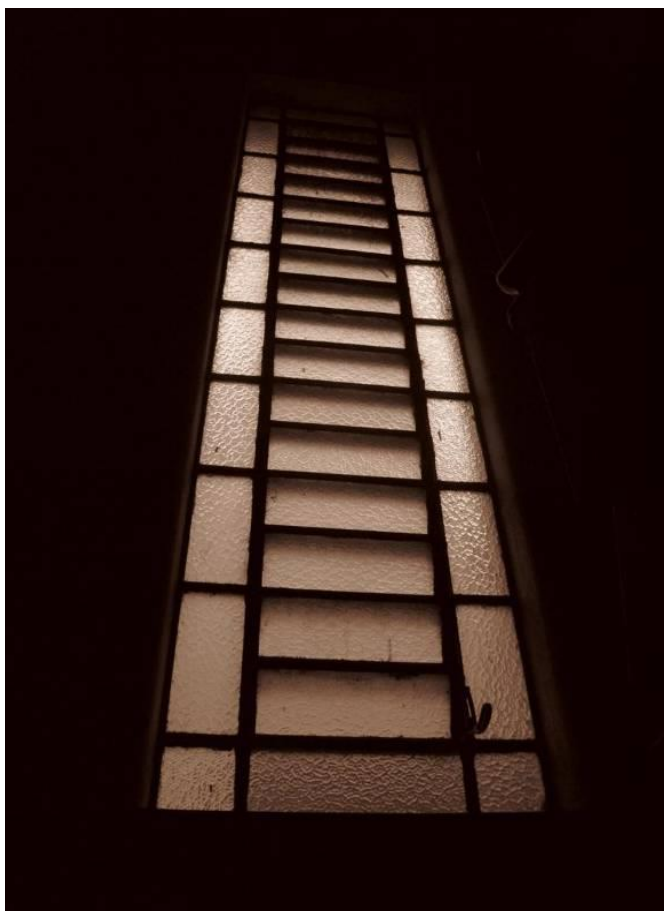
O GRAVA – Grupo de Estudos em Artes Visuais e Audiovisuais surgiu da sede de criar e fazer diferença no meio em que vivemos. Nasceu da necessidade de reflexão que o processo criativo proporciona, trazendo à tona a obra artística. [...] A vocação do grupo está no posicionamento crítico diante da complexidade em que vivemos em todas as áreas do saber atualmente. [...] A Arte, nas palavras da artista francesa Louise Bourgeois, pode ser um “instrumento de cura” diante do contexto em que vivemos, entregue às diferenças sociais, à mesmice, à falta de criatividade e à violência sob todos os aspectos. O GRAVA é formado por pessoas que se dispõem a acreditar nessa vocação e a aceitar os desafios que o século XXI traz, não se conformando com ele, posicionando-se como artista, como um elemento sensível, apto a transformar a sociedade. (BAMONTE, 2009, p.3)

Dentro desse direcionamento, iniciamos estudos de imagens, com destaque para o apuro do olhar em estudos compositivos em fotografias do próprio campus para um concurso interno e na primeira parceria do grupo com a Secretaria da Cultura de Bauru, em 2009. Com a parceria, contribuímos com uma palestra na “Semana de Artes Visuais: Pinturas Murais... Conhecer para Preservar” e realizamos a exposição “Olhares Preservados”, com fotos autorais da casa Casa Fígaro (hoje Pinacoteca de Bauru), local que sediou o evento e que se encontrava em processo de tombamento e estudo para restauração. Dentre bolsistas, e expositores, participaram treze pes-

soas (Joedy Marins, Adriana Maschio, Estefânia Panegossi, Fernanda Tangerino, Giovani Ribeiro, Juliana Brandt, Marcelo Wariss, Merylyn Braglin, Paulo Matias, Raísa Bonani, Sarah Ribeiro, Wallace Costa, William da Costa).



Estefânia Panegossi
Sem título, 2009
Fotografia digital.
Acervo pessoal e do grAVA



Joedy Marins
Sem título, 2009
Fotografia digital
Acervo pessoal e do grAVA

Em 2011, as investigações do grupo partem de textos e imagens de Derdyk e Ostrower, em raciocínios que priorizaram as relações do desenho com o espaço, conteúdos que já vinha trabalhando em sala de aula com o curso. Dentro das questões abordadas, enfatizei a busca pela amplitude do desenho, tridimensionalizando-o. Cito trecho de um dos textos utilizados:

[...] Existem os desenhos criados e projetados pelo homem, existem os sinais evidenciando a passagem do homem, mas também existem as inscrições, desenhos vivos da natureza: a nervura das plantas, as rugas do rosto, as configurações das galáxias, a disposição das conchas na praia. Estes exemplos nos fazem pensar a respeito das ideias que se têm do desenho, ampliando suas possibilidades materiais de realização. (DERDYK, 1994, p.20)

Do amadurecimento frente a essas leituras nasceram seis intervenções no campus da universidade, *site-specifics* sob o tema “Tempo”, escolhido pelo grupo para o de-

envolvimento de criações acompanhadas e compartilhadas (respeitando-se a autoria individual), que expandiram o desenho por meio de linhas, arames, filme de pvc, gravura, tecido, acrílico e cipós. Causando um estranhamento ao público que costuma visitar o local, gerou questionamentos e novas intervenções, bem vindos por serem resultantes da inquietude gerada pela arte. Obras expostas: “A Persistência da Espera”, de Joedy Marins; “Carretel Temporal”, de Dree Bernardo; “Contemporização ou a Parte não mais Interior”, de Augusto Hendricus Vossenaar; “Faz Tempo que faz Tempo”, de Audrey Jorge; “Fractus”, de Catharine Elorza; “puLsa, de Mosca; “Teia de Germinação”, de Raísa Bonani.



Augusto Hendricus Vossenaar
Contemporização ou a parte não mais interior, 2009
Intervenção no campus da UNESP de Bauru
Fotografia do Acervo do grAVA



Joedy Marins
A persistência da espera, 2009
Intervenção no campus da UNESP de Bauru
Fotografia do Acervo do grAVA

Durante 2012 e 2013, ao entrar em contato com a Crítica de Processo passei a me aproximar cada vez mais de textos de Cecília Almeida Salles, adotando-os como minha linha de pesquisa e como ferramentas para um maior conhecimento sobre a importância dos documentos de processo para o grupo. Isto veio a permitir um novo caminho para o surgimento de trabalhos e de pesquisas, não somente do grupo como num todo, mas também do indivíduo enquanto autor. Sob o ponto de vista poético, os textos de Gaston Bachelard (1884–1962) também passaram a ser adotados para maior esplanção dos espaços da intimidade.

A produção de 2012 resultou em uma exposição com gravuras e instalações em uma estrutura fechada e pensada cenograficamente enquanto espaço íntimo, cercado por cortinas. São obras geradas com base no livro “A Poética do Espaço”, especificando-se a vivência na casa da infância. Cita-se:

Nosso objetivo está claro agora: pretendemos mostrar que a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às ve-

zes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. [...] A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa. (BACHELARD, 2012, p.26)

As obras expostas foram: “Ainda assim não me disperso”, de Joedy Marins; “Do ninho à terra, da memória à história”, de Thaís Pupato; “E apenas a tomou emprestado por algum tempo”, de Audrey Jorge; “Espaço Privado”, de Dree Bernardo; “Penumbra”, de Mosca; “Quintal – memória”, Camila Conti.



Mosca
Penumbra, 2012
Gravura (impressão sobre algodão), 200 x 300 cm
Fotografia do Acervo do grAVA



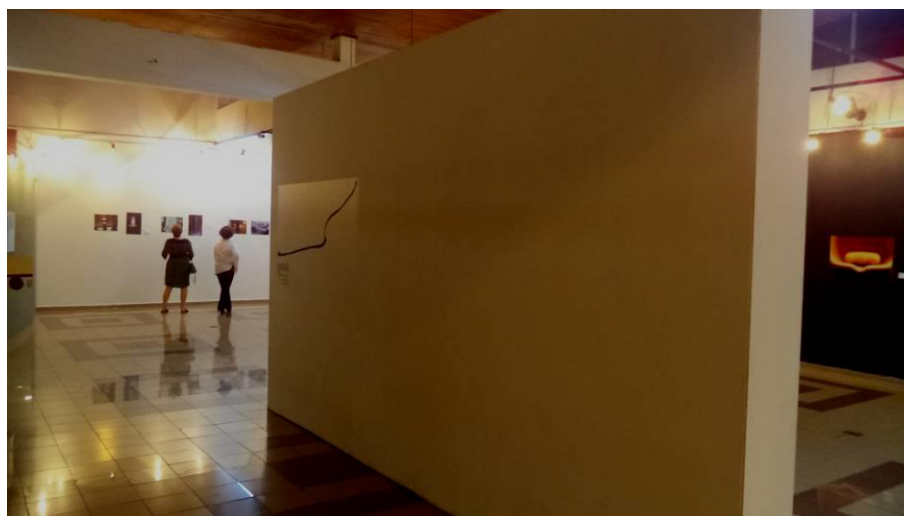
Joedy Marins
Ainda assim não me disperso, 2012
Fotografia digital
Acervo pessoal e do grava

Os trabalhos desenvolvidos durante o ano de 2013 deram continuidade às pesquisas iniciadas em 2012, abrindo-se ao lugar do outro nos espaços da intimidade, em observações à procura de traços pessoais em lugares diversos, resquícios do outro, minúcias, marcas deixadas, fragmentos. Cito parte do texto que serviu de referência para tanto:

[...] O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. [...] (BACHELARD, 2012, p.91)

Essa produção foi exposta somente em 2015, devido aos períodos de greve e crises internas na universidade que resultaram no fim do projeto enquanto extensão, mas

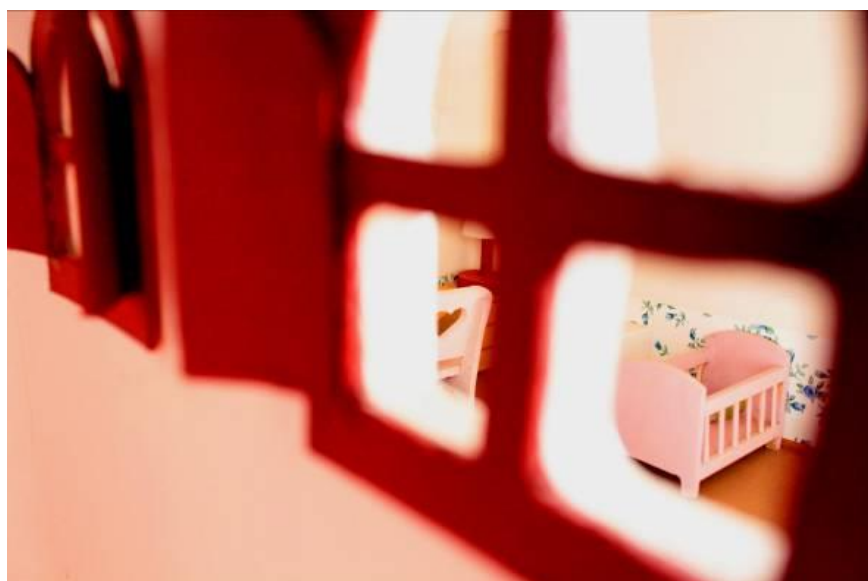
também em seu cadastro como projeto de pesquisa. Apesar de ter ficado sem produzir durante 2014, a exposição de 2015 trouxe a trajetória do grupo para um espaço visível à população, no centro da cidade. Dessa forma, na Galeria Angelina Messenberg, Centro Cultural de Bauru, durante quase vinte dias de exposição, a comunidade local pode entrar em contato com a história do grupo, seja por meio de fotos, cartazes, videos, matérias da TVUnesp ou dos 15 alunos monitores, treinados para atender ao público.



Exposição Retrospectiva do grAVA, 2015
Fotografia digital
Acervo do grAVA



Marina Koenigkan
Lúcia (Série “Refúgios”), 2013
Fotografia digital
Acervo pessoal e do grAVA



Joedy Marins
Sem título (Série “Vestígios”), 2013
Fotografia digital
Acervo pessoal e do grAVA

MapaSP#Artesvisuais

Outro projeto que nasceu do grAVA em 2012 foi o “Mapeamento de Pesquisadores em Artes Visuais no Estado de São Paulo e de Artistas Plásticos na Cidade de Bauru”. Mediante bolsa de iniciação científica, alunos foram orientados para investigação de dados, em um primeiro momento e digitalização para disponibilização da pesquisa em site da Web, posteriormente. Nele, buscou-se a valorização dos artistas plásticos residentes (ou que residiram) em Bauru durante sua produção plástica e de pesquisadores em Artes Visuais do estado de São Paulo, dados que vem sendo inseridos em site em construção.

Na fase atual do projeto, entrevistas estão sendo feitas com os 32 artistas mapeados até o momento, os quais têm uma história com a cidade. Estão sendo registradas em vídeos com os próprios artistas ou familiares dos já falecidos, permitindo a construção de uma linha do tempo e organização de uma “árvore genealógica” que apresente as gerações artísticas da cidade em seus cento e vinte anos de existência. Assim, as “chamas” estão sendo identificadas dentro do contexto local, de forma a estimular e apresentar um panorama sobre o assunto.



Frame de entrevista com o artista Roberto Echeverria
Pesquisa MapaSP#Artesvisuais, 2015
Acervo do grAVA

Com o intuito de delinear a identidade das Artes Visuais na cidade, a pesquisa delinea o levantamento histórico, com dados ainda não reunidos, que permitirão uma maior compreensão da área na região, através de uma exposição virtual permanente. Dentre seus maiores objetivos está a abertura para o reconhecimento e estímulo aos que virão depois, procedimentos favoráveis a uma cidade que recebe um curso de bacharelado na área.

Considerações finais

As experiências transcritas no presente texto levam à visão de que precisamos de mudanças. Ao produzir junto aos alunos caminhando de maneira mais próxima e me aproximar dos artistas da cidade para entrevistá-los é impossível não ter a impressão de que o modelo atual de universidade no Brasil está defasado. A fruição e o aprofundamento da produção artística a partir do compartilhar criativo entre docente e discentes, o ato de pisarmos em ateliês que registram décadas de um ofício em vivências únicas, presentificam aproximações que não podem mais ser adiadas.

Há que se quebrar os muros da universidade e ir de encontro aos criadores que estão diante de mim, que estão comigo, avançar para as ruas da cidade. A arte precisa ser constituída a partir de nosso contexto, mas o quanto conhecemos dele? A universidade deve trabalhar em seus edifícios aquilo que levamos desse contexto, instrumentalizando, conduzindo à reflexão a partir da apropriação do local em que pisa, onde está inserida, com quem está trabalhando. Para isso precisa inflamar os espaços íntimos do processo criativo de onde emerge a verdadeira identidade das Artes Visuais. Para isso precisamos estar atentos às pequenas chamas que, sutilmente, surgem ao nosso redor.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1981.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BAMONTE, Joedy L. B. M. Pré-projeto para desenvolvimento do Projeto de extensão “Implantação do Centro de Pesquisa Plástica”. FAAC/ UNESP, 2008.

BAMONTE, Joedy L. B. M. Pré-projeto para desenvolvimento do Projeto de extensão “Centro de Pesquisa Plástica”. FAAC/ UNESP, 2009.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1994.

DERDYK, Edith. *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta, 2001.

BAMONTE, Joedy L. B. M. *grAVA*. Disponível em: < <https://gravaunesp.wordpress.com/>>. Acesso em: 28 maio 2015.

SALLES, Cecília A. *Redes da criação: construção da obras de arte*. 2ed. Vinhedo: Horizonte, 2006.

SALLES, Cecília A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 5ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

Joedy Luciana Marins Barros Bamonte

Graduada em Educação Artística – Universidade Presbiteriana Mackenzie (1991); Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais – UNESP (1998); Doutora em Ciências da Comunicação (Comunicação e Estética do Audiovisual/ Sistemas de Significação em Imagem e Som) – USP/ECA (2004). Artista Plástica e Docente em RDIDP – UNESP (DARG/FAAC). Líder do Grupo de Pesquisa grAVA. Membro da ANPAP desde 2011.